

Lucrando com a morte

Via [New Politics](#)

Sejamos claros desde o início: o que está acontecendo na Índia neste momento é um assassinato em massa. E é organizado por um homem que tem prática em tais assuntos.

Duas imagens encerram a crise atual e contêm nelas uma trajetória da crise. A primeira é a imagem da polícia indiana que hostilizou trabalhadores migrantes com alvejante na primavera passada, durante a primeira onda da pandemia, e o mais sombrio e mais recente dos incêndios de cremação que ardem por todo o país. O caminho entre estes dois marcadores era esperado, mas a violência reside no fato de que poderia ter sido evitada.

Quando a taxa de infecção caiu após o primeiro confinamento, o regime Modi declarou vitória sobre o vírus. Enfrentando sua propaganda com a mitologia hindu, em março o primeiro-ministro disse à nação que enquanto a guerra Mahabharat [batalha mítica dos épicos hindus] havia sido vencida em 18 dias, ele venceria a batalha contra o corona em 21.

A política foi moldada em torno dessas superstições selvagens. A força-tarefa do governo do coronavírus parou de se reunir e o Ministro da Saúde declarou que a Índia estava “no jogo final da pandemia”. O governo se gabou de ter vendido 55 milhões de doses de vacina a 62 países diferentes.

Foi um exemplo de um casamento perfeito entre a Hindutva [identidade cultural hindu] e o capitalismo. A Hindutva garantiu ao governo que o vírus tinha acabado, enquanto a ganância capitalista monetizava uma pandemia global.

O capitalismo de vacinas

A vacina salva-vidas está disponível gratuitamente em quase

todos os países do Norte global, na Índia não está. O Serum Institute of India (SII), o maior fabricante mundial de vacinas, é atualmente o principal fabricante da vacina no país. Em janeiro eles venderam as primeiras 100 milhões de doses da vacina ao governo indiano a um “preço especial” de 200 rúpias (US\$ 2,74) por dose, após o que aumentaram o preço. No mercado privado a vacina está sendo vendida por 1.000 rúpias (\$13,68) por dose.

O SII é uma empresa privada dirigida por um dos homens mais ricos do planeta, Cyrus Poonawala, cujo patrimônio líquido é de cerca de 13 bilhões de dólares. Poonawala fez sua fortuna como criador e corredor de cavalos. Estes instintos de jogo superiores guiaram seu filho, Adar Poonawala, a olhar para uma pandemia global devastadora no ano passado e decidir que era seu momento de fazer uma matança. Em sua entrevista com a mídia internacional, Poonawala enfatizou que ele iria “correr o risco e se tornar um corredor de primeira linha”.

Os suspeitos habituais pularam neste comboio para transformar emergências de saúde pública em lucro privado. A fundação Melinda e Bill Gates investiu 150 milhões de dólares, enquanto as empresas vampíricas da Goldman Sachs, Citi e Avendus Capital se tornaram os conselheiros principais do SII. Como todas as elites do sul global bem treinadas no discurso neoliberal, Poonawalla declarou seu alto objetivo anticolonial como sendo o fornecimento da “maioria da vacina, pelo menos inicialmente... aos nossos compatriotas antes de ir para o exterior”.

Na realidade, quase 80% [da produção] do SII foi para o exterior com um lucro considerável, até que o governo indiano finalmente forçou uma proibição das exportações quando a contagem de mortos começou a aumentar.

Os fundamentos deste macabro capitalista logo se revelaram. A riqueza de Cyrus Poonawalla aumentou 85% em 5 meses. E quando a fumaça das piras funerárias começou a escurecer os céus

indianos, no final de março, Adar Poonawalla assinou um acordo para alugar uma mansão londrina por um valor recorde de US\$ 70.000 por semana.

O “causador da morte” neoliberal

O regime Modi é diretamente responsável pelo atual derramamento de sangue. Mas o caminho aqui foi pavimentado por todos os que vieram antes deles, aqueles que, desde os anos 80, avidamente cumpriram os programas de ajuste estrutural do FMI e destruíram as instituições e a infra-estrutura de produção de vida da Índia. Aparentemente, precisávamos de mais carros, mais represas, às custas da alimentação e da saúde.

A economia indiana foi formalmente liberalizada em 1991, sob um governo do [Partido do] Congresso. A história que se seguiu será estranhamente familiar.

A redução do déficit fiscal, o Santo Graal do neoliberalismo, na realidade abriu “um déficit de receitas”, pois os ricos foram aliviados dos impostos e do Estado, enquanto aumentavam as despesas militares, reduziam os investimentos do setor público e os gastos sociais. Quero enfatizar que não apenas o Congresso ou o BJP, mas toda coalizão governante, em nível estadual e federal, seguiu esta trajetória, incluindo os estalinistas no poder em meu estado natal de Bengala Ocidental, cujo esforço mais célebre foi o de desapossar os camponeses de suas terras a fim de construir uma fábrica de automóveis. Mais de 50 milhões de indianos foram desapropriados para dar lugar a projetos de desenvolvimento como grandes barragens nos primeiros 50 anos de independência para impulsionar o imperativo produtivista do capitalismo. Pesquisas mostram que mais de 50% dos despossuídos eram adivasis ou indígenas vivendo em colinas e terras florestadas onde a maioria das represas e minas foram construídas.

Apesar da ausência em qualquer trabalho “causador de vida”, como saúde ou educação, o estado tem estado muito presente no

processo de morte, desde a Gazaficação de Caxemira até a criação de campos de detenção para muçulmanos, Dalits e Adivasis.

O setor de saúde contou uma história semelhante de depredação. Segundo o BMJ, hoje, a Índia tem apenas 0,8 médicos e 0,7 leitos hospitalares por 1000 habitantes e é o terceiro maior gastador militar do mundo, depois dos EUA e da China. Mas nem todos ficaram sem assistência médica. A indústria privada de saúde explodiu sob o neoliberalismo, com o país entre os 20 primeiros países para seus gastos privados com saúde, enquanto estava entre os mais baixos para gastos com saúde pública.

Austeridade, como Ruthie Gilmore nos ensina, é o “abandono organizado” da vida e da produção de vida aliado à “violência organizada”. O fechamento de escolas e hospitais e a expansão dos orçamentos das prisões e da defesa se espelham mutuamente.

Austeridade, no entanto, apenas amplifica o que é um princípio organizador chave do capitalismo, a diminuição do valor da vida humana. Enquanto o capitalismo se esforça para diminuir o valor da força de trabalho a fim de aumentar a mais-valia, o que isto significa concretamente para a classe trabalhadora é, seguindo o conceito de abjeção de Rosemary Hennessy, o que poderíamos chamar de fabricação de abjeção. Este mecanismo vai além do esforço econômico de redução de salários. De fato, os salários são efetivamente reduzidos quando o capital pode reduzir com sucesso os parâmetros de reprodução social da vida e da força de trabalho. Opressões sociais como raça, gênero e casta são alguns dos principais motores para a redução da reprodução social.

Devemos ser lembrados de uma passagem sombria no Capital onde Marx descreve como, durante seu tempo na Grã-Bretanha, as mulheres eram “ainda ocasionalmente usadas em vez de cavalos para transportar barcos de canal, porque a mão-de-obra necessária para produzir cavalos e máquinas é uma quantidade conhecida com precisão, enquanto que a necessária para manter

as mulheres da população excedente está abaixo de todos os cálculos”. Michael Goldfield recentemente fez uma observação semelhante sobre o papel da escravidão e do racismo nos EUA, mostrando como “tanto os produtores como a indústria do norte se beneficiaram de mão-de-obra barata cujo limite inferior foi determinado pelo racismo” produzindo ao longo do tempo “um insensível desrespeito à dignidade humana e à santidade da vida humana”. Parafraseando Gilmore, onde a vida não é preciosa, a vida não é preciosa.

Estamos vendo esta lógica assassina – do capitalismo que desvaloriza a vida através da austeridade – jogar na Índia em tal escala que até mesmo os ricos e poderosos não estão seguros. Um ex-embaixador morreu enquanto esperava no estacionamento de um hospital de Delhi. Não há leitos hospitalares. Não há ambulâncias. Em Surat, uma cidade industrial em Gujarat, as grelhas usadas para queimar corpos têm funcionado tão implacavelmente que o ferro em algumas delas derreteu. Quase todos os funcionários mortuários dos crematórios e dos ghats das margens dos rios que queimam corpos são das comunidades Dalit ou Bahujan, cujo salário médio mensal gira em torno de US\$ 134. Eles estão trabalhando 24 horas por dia, sem qualquer EPI, fornecendo últimos ritos, aconselhamento de luto e consolo às famílias que na vida provavelmente teriam defendido sua contínua segregação ritual da sociedade de elite. Bezwada Wilson, um organizador dos direitos e bem-estar dos trabalhadores do saneamento, disse ao VICE World News: “Ninguém sabe quantos trabalhadores da cremação deram positivo para esta doença mortal e ninguém sabe quantos morreram como resultado. É porque os funcionários do governo não vêem os trabalhadores da cremação e os trabalhadores do saneamento como humanos”.

Mas enquanto o país procura oxigênio, o estoque da Linde Índia, um fornecedor de oxigênio médico, duplicou. Adar Poonawalla honrosamente deu uma de Ted Cruz, fugiu da Índia e procurou refúgio em sua modesta mansão londrina, assim como os

ultraricos em seus jatos particulares.

Enquanto isso, o resto da Índia arde, enquanto os líderes da BJP continuam a vender esterco de vaca e urina de vaca como soluções médicas para a Covid 19. Até sábado, apenas 1,9% da população da Índia foi totalmente vacinada e mais de 400.000 novas infecções diárias são confirmadas por testes, o número real é certamente muito maior.

0 Estado Capitalista contra o povo

Narendra Modi, mais do que qualquer primeiro-ministro desde a década de 1980, tem exercido brutalmente o poder do estado indiano para moldar uma política segura para o capital. A Hindutva tem sido o aríete ideológico para este projeto. Apesar de ausente de qualquer trabalho que produza vida, como saúde ou educação, o estado tem estado muito presente no processo de morte, desde a Gazaficação de Caxemira até a criação de campos de detenção para muçulmanos, Dalits e Adivasis. De fato, não é o estado que está atualmente mantendo operacional o sistema de saúde, que é devastado pelo neoliberalismo, mas as pessoas comuns. Equipes de voluntários criaram redes de ajuda mútua através da paisagem devastada e estão tentando reduzir os danos de forma engenhosa e profundamente amorosa. Os Gurudwaras e mesquitas estão trabalhando incansavelmente para fornecer alimentos. O chefe do fascista Shiv Sena, Uddhav Thackeray, foi forçado a agradecer aos muçulmanos da cidade de Ichalkaranji em Maharashtra por doar dinheiro do Zakat [tributo religioso] para financiar uma UTI de 10 leitos em um hospital local. As pessoas criaram linhas de ajuda contra a COVID para alcançar os doentes e os que sofrem e estão montando grupos de carros para atuar como ambulâncias, enquanto políticos em Maharashtra e Gujarat têm sido vistos acumulando drogas essenciais e oxigênio para vender a um preço elevado no mercado.

Os mortos exigem que os véus místicos de impenetrabilidade sejam arrancados da história, pois por baixo deles está a

explicação banalmente óbvia para esta carnificina: o capitalismo.

Esta divisão assassina do trabalho entre o Estado e o povo precisa ser revertida e o Estado forçado a agir em seu nome. Diversas medidas podem ser tomadas imediatamente para conter a maré.

Primeiro, o governo precisa invocar a Lei de Mercadorias Essenciais para deter o entesouramento de drogas essenciais, oxigênio, etc., por parte de negócios predatórios. Em segundo lugar, o estado deve tomar posse de espaços para criar hospitais de campo e abrir hotéis para os não alojados. Terceiro, o governo precisa investir dinheiro na produção de vacinas imediatamente e tomar medidas para tornar as vacinas livres e universais. O preço diferencial desses medicamentos, instituído por corporações como a SII, precisa ser eliminado e as vacinas tornadas gratuitas para todos, e com distribuição de acordo com a vulnerabilidade, e não com o tamanho da carteira ou a capacidade de empurrar para a frente.

Em quarto lugar, enquanto Anthony Fauci recomendou um fechamento duro, em um país como a Índia este passo não é humano nem eficaz sem um pagamento de estímulo do Estado às famílias, permitindo que elas fiquem sem trabalho. Onde pode e deve haver um fechamento duro é nas reuniões religiosas e sociais, uma das quais no passado recente, saudadas pelo governo como segura, foram sem dúvida superespalhadoras [do vírus]. Em quinto lugar, os fundos públicos arrecadados para lidar com a Covid-19 devem ser disponibilizados imediatamente de forma aberta e transparente. Durante a primeira onda no ano passado, o governo Modi criou um Fundo de Assistência ao Cidadão e Socorro em Situações de Emergência do Primeiro Ministro (PM-CARES) para lidar com a crise. Mais de 70% de seus fundos foram doados por unidades do setor público, mas o PM-CARES foi criado para não prestar contas às auditorias governamentais e, portanto, ao público. Na realidade, ninguém sabe como estes fundos estão sendo gastos.

Finalmente, a esquerda internacional, especialmente no Norte global, tem um papel vital a desempenhar: precisamos pressionar nossas próprias classes dirigentes para que parem de acumular vacinas. O imperialismo vacinal pode funcionar para os países ricos a curto prazo, mas permite que o vírus mude nas partes do globo sem a vacina e eventualmente retorne para atacar os acumuladores. O internacionalismo, neste caso, não é apenas um princípio político, é uma necessidade de saúde pública.

Minha sobrinha de 13 anos e minha mãe de quase 80 anos em Delhi estão aterrorizadas em pegar o telefone para que não ouçam falar de mais perdas. Sinto a necessidade de ordenar mais do que linguagem para transmitir a escala da crise. Como transmitir a sensação de ar saturado com as cinzas de corpos cremados? Como traduzir em palavras o som da mãe lamuriante que acaba de perder seu filho? Mas devemos usar nossas palavras, mais alto agora do que nunca. Os mortos exigem que os véus místicos de impenetrabilidade sejam arrancados da história, pois sob eles está a explicação banalmente óbvia para esta carnificina: o capitalismo.

Enquanto nos esforçamos para estabilizar a vida na Índia, precisamos nos lembrar constantemente que não podemos mais nos dar ao luxo de estabilizar o sistema.